

# Conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai: construção de significados e identidades, no Brasil e no Paraguai, no século XXI<sup>1</sup>

*School Knowledge About The Paraguay War: Construction Of Meanings And Identities, In Brazil And Paraguay, In The 21st Century*

André Mendes Salles\*

José Batista Neto\*\*

## RESUMO

Buscou-se refletir a respeito do conhecimento escolar quanto à Guerra do Paraguai e sua relação na construção de significados e identidades no contexto de ensino e aprendizagem, no Brasil e no Paraguai. O percurso metodológico contemplou a aplicação de questionários, a realização de entrevistas semiestruturadas com professores de História da educação básica de ambos os países e a análise dos livros didáticos por eles adotados. A análise dos dados revelou que o conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai tem se constituído estratégico e privilegiado em relação à construção de identidades nacionais dos países envolvidos, bem como tem sido problematizado, atualmente, possibilitando uma reflexão em torno da valorização de um entendimento regional, de modo que conflitos da magnitude da Guerra do Paraguai não tornem a acontecer na região. Palavras-chave: conhecimento escolar; Guerra do Paraguai; ensino de História.

## ABSTRACT

The purpose of this article is reflect on the curricular content of Paraguayan War and the construction of meanings and identities in the context of teaching and learning, in Brazil and Paraguay. The research counts on history teachers of basic education as research subjects. The questionnaire and the semi-structured interview were used as instruments of data collection. We also analyzed the textbooks used by teachers. As it was possible to perceive, the school knowledge War of Paraguay has constituted, over time, in a knowledge strategic and privileged in the formation of a national identity in the countries involved in the conflict. However, nowadays, there is a sign that this same school knowledge is gaining other dimensions, such as the reflection around the valorization of a regional understanding, so that conflicts of the magnitude of the Paraguayan War will not happen again in the region. Keywords: school knowledge; Paraguayan War; History teaching.

\* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caicó, RN, Brasil. andremendes.s@hotmail.com.

\*\* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil. netojose31@gmail.com.

Em 2020, completam-se 150 anos do final de um dos maiores conflitos armados da América Latina. A Guerra do Paraguai, como é hegemonicamente denominada pela historiografia brasileira, ou Guerra da Tríplice Aliança, mais comumente designada pela historiografia paraguaia, em seus cinco anos de conflito, trouxe consequências importantes para os países envolvidos. Para o Paraguai, os desdobramentos foram mais graves, a ponto de alguns estudiosos sinalizarem para um genocídio, chegando a descreverem o país, após a guerra, como um lugar de crianças, idosos e mulheres (Chiavenato, 1983). Para o Brasil, país vencedor da contenda, podemos também sinalizar relevantes consequências geradas – ou acirradas – pelo conflito, a exemplo da dependência externa em relação à Inglaterra, bem como do aguçamento de contradições internas, relacionadas à escravidão e ao regime político imperial.

Relevantes consequências geradas pelo conflito nos países envolvidos podem ser elemento explicativo – somadas às alterações produzidas na historiografia sobre o tema – para sua presença, desde o final do século XIX, nos currículos e manuais escolares do Brasil e do Paraguai. É preciso, ainda, levar em conta que a temática em tela se constituiu, ao longo do século XX, em um conhecimento estratégico e privilegiado no que se refere à formação de identidades nacionais e consolidação de uma história da nação nos países envolvidos no conflito. O estudo da mencionada guerra serviu também, sobretudo, no final de 1970 e 1980, no Brasil, como forma de questionamento dos imperialismos e formas de dominação de umas nações sobre outras e, mais recentemente, tem se apresentado como um conhecimento com potencial para tomar como problema a questão das identidades nacionais, ao problematizar a Guerra do Paraguai como fator de fortalecimento dessas identidades. Podemos, ainda, sinalizar que o conhecimento da temática em destaque potencializa a reflexão em torno de questões relacionadas à valorização de um entendimento regional entre os países do Cone Sul latino-americano, com vistas a fazer que conflitos da magnitude da Guerra do Paraguai não tornem a acontecer na região.

Partimos do entendimento de que o conhecimento escolar sobre a *Guerra do Paraguai* se constitui em um conhecimento “poderoso”, segundo a acepção de Young (2007; 2011). Em outras palavras, o ensino da temática em foco pode possibilitar uma leitura de mundo – a partir da ótica da História ensinada e variando de acordo com o período e as funções sociais delegadas ao ensi-

no da disciplina na educação básica – que pode ir desde a exaltação nacionalista e a formação da cultura cívica de um povo ao desenvolvimento de uma “cultura de paz”, vinculada à afirmação dos direitos humanos, em que a guerra seria recurso a ser problematizado e o entendimento entre os povos o caminho a ser buscado (Young, 2007; 2011). Para o autor:

**Esse conceito** [conhecimento poderoso] não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, **mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo.** (Young, 2007, p. 1294, grifos nossos).

Assinalamos que o objetivo deste artigo é refletir especificamente sobre o conteúdo curricular referente à Guerra do Paraguai e a construção de significados e identidades no contexto de ensino e aprendizagem, no Brasil e no Paraguai, para o século XXI. Tomamos como pressuposto básico que o ensino da História – como afirmam Nadai (1992/1993), Pinsky (2010), Bittencourt (2012) e outros estudiosos –, assume um caráter formativo, de formação humana, que justificaria a presença do conteúdo em tela no currículo escolar. O ensino da História é um espaço de construção de sentidos para professores e alunos, que se realiza na relação que constituem esses sujeitos pedagógicos entre si e com o objeto do conhecimento histórico. A esse respeito, Bittencourt expressa, com clareza, a finalidade do ensino de História na escola básica, ao afirmar que “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmitem informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos.” (Bittencourt, 2012, p. 57) e, portanto, onde sentidos dialogam, onde subjetividades conversam; consistem em espaços de intersubjetividade.

Carretero (1997), por sua parte, reconhece que o ensino de História enquanto conhecimento curricular tem por papel possibilitar a apreensão de dados e fatos, de conceitos (pontuais e estruturais), de procedimentos e de atitudes sociais. Seria papel da História enquanto disciplina escolar formar no estudante a capacidade de pensar historicamente, condição esta que o permitiria refletir sobre a construção histórico-social do contexto social em que se insere, de modo a produzir uma compreensão crítica da vida humana e de si mesmo, elemento básico para a efetivação de uma visão histórica de mundo. Seria papel atribuído ao ensino da História também abordar temas contempo-

râneos, como o estudo de gênero, dos direitos humanos, da cultura, da ciência e das tecnologias da informação e comunicação, com vistas à formação para o convívio social (Pinsky, 2010).

Entendemos, assim como Cardoso (2008), que a História escolar não se constitui em uma pura simplificação da “História dos historiadores”, uma vez que não nos alinhamos com hierarquias epistêmicas e disciplinares de qualquer natureza. Por tal razão, defendemos existir uma relação de proximidade e conexão entre a História enquanto disciplina científica e a História como disciplina escolar. Sustentamos, ainda, com o apoio de Forquin (1993), que tal relação se efetiva por meio de um processo de “reelaboração didática”, que constitui e configura os conhecimentos históricos escolares em cada tempo e contexto. Concordamos, ainda, com Gabriel e Monteiro (2014, p. 27), que o conhecimento escolar resulta de uma “construção epistemológica própria e específica [...], uma criação da cultura escolar”, mas que, ao mesmo tempo, “mantém diálogos necessários e contínuos com o conhecimento acadêmico/científico de referência, no caso, a Teoria da História e a historiografia”.

Reconhecer essa relação de proximidade e conexão entre a História escolar e a História acadêmica não significa defender que a primeira consista em uma simples relação de “transferência” mecânica de uma instância à outra. Assim como Gabriel e Monteiro (2014), reconhecemos a existência de um processo de “didatização do saber” (Chevallard, 1991), sem, contudo, desconsiderar as “especificidades epistemológicas” do conhecimento escolar, inclusive porque, do mesmo modo que as autoras, entendemos que os saberes de referência não são as únicas fontes para o saber escolar. Dito isto, partimos do pressuposto de que o conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai resulta da “transposição didática” da produção historiográfica sobre esse mesmo conhecimento. Para Chevallard (1991), o saber que se ensina na escola procede de uma modificação qualitativa do saber acadêmico, pela qual se chega a desnaturalizá-lo com o fim de que seja compreendido pelo aluno.

#### METODOLOGIA: CAMPOS, SUJEITOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa se realizou em duas escolas, uma no Nordeste brasileiro, localizada em Recife, e outra na capital do Paraguai, Assunção. Os critérios para a

seleção dos colégios foram: (1) ter caráter experimental; e (2) ser considerado de referência. Ambas as instituições escolares estão vinculadas a centros acadêmicos de universidades, no modelo de colégios de aplicação. Por se tratar de um duplo campo de observação, preferimos estabelecer os critérios em tela, como forma de buscar maior similaridade entre ambos. Foram selecionados como sujeitos da pesquisa quatro professores da educação básica, sendo dois brasileiros e dois paraguaios. Denominaremos os sujeitos da pesquisa como Professor 1 e Professor 2, que são sujeitos brasileiros, e Professor 3 e Professor 4, os quais são sujeitos paraguaios.

Para a seleção dos sujeitos da pesquisa adotamos os seguintes critérios: (1) possuir formação no campo disciplinar da História; (2) ensinar a disciplina curricular História nas escolas selecionadas como campo de pesquisa; (3) lecionar nos anos nos quais o conteúdo curricular sobre a Guerra do Paraguai é abordado; (4) inserir em sua prática curricular o conteúdo relacionado à Guerra do Paraguai.

O perfil dos quatro professores sujeitos da pesquisa revelou traços característicos que os assemelham quanto (1) à área do conhecimento da formação inicial, isto é, História; (2) ao período de finalização dessa formação, que ocorreu entre 2004 e 2006; (3) à ampla formação na área da História, devendo-se considerar que três dos sujeitos da pesquisa são doutores e um é mestre; (4) ao tempo de atuação na docência, que correspondia a cerca de 10 anos na época; e (5) à experiência na educação básica e no ensino superior. Vale destacar também que os professores são adultos jovens, com idades que variavam entre 30 e 40 anos.

A coleta de informações junto aos professores sujeitos da pesquisa se fez por meio de entrevista semiestruturada e de aplicação de questionário. Analisamos, também, os livros didáticos de História utilizados por eles em suas práticas docentes, listados a seguir.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber História*, 8º ano. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.

MOREIRA, Mary Monte de López et al. *Historia y Geografía*. 8º grado. Assunção: Don Bosco, 2009.

Diferentes estudiosos da prática pedagógica docente, a exemplo de Munakata (1997), Fonseca (2003) e Lopes (2005), parecem concordar com o fato de que o livro didático tem se constituído no principal documento do currí-

culo escolar, pautando práticas docentes e definindo a seleção de conhecimentos a serem ensinados. Tal constatação o torna um documento indispensável na análise da prática docente na educação básica.

## LIVRO DIDÁTICO NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES BRASILEIROS E PARAGUAIOS

Pellegrini, Dias e Grinberg (2015), autores dos livros escolares utilizados pelos professores brasileiros, assinalam que “o estudo da História nos ajuda a perceber as ligações existentes entre o passado e o presente”, “nos permite conhecer o cotidiano dessas pessoas [que viveram antes de nós] e perceber como a ação delas foi importante para construir o mundo como ele é hoje”. Os autores destacam as atuais questões relacionadas ao entendimento e ao respeito e direito à diversidade cultural:

A História nos auxilia a conhecer os grupos que formam as sociedades, os conflitos que ocorrem entre eles e os motivos de tais conflitos. Ela nos ajuda a tomar consciência da importância de nossa atuação política e a desenvolver um olhar mais crítico sobre o mundo. Assim, nos tornamos mais capazes de analisar desde uma afirmação feita por um colega até uma notícia veiculada pela televisão. [...]. Ao estudarmos História, percebemos a importância do respeito à diversidade cultural e ao direito de cada um ser o que é, e entendemos como esse respeito é indispensável para o exercício da cidadania e para construirmos um mundo melhor. (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, Apresentação)

Em relação ao conteúdo curricular da Guerra do Paraguai, os autores do livro didático brasileiro poderiam ser definidos como promotores de explicações de caráter “pluricausal”, uma vez que destacam os conflitos regionais, os imperialismos divergentes em disputa na região do Prata, a formação de alianças e as divergências quanto a definições de limites como as principais causas da guerra. Para os autores em tela, a Bacia do Prata possuía, no século XIX, uma posição estratégica, “pois seus rios eram utilizados por vários países da região para a navegação e isso provocava conflitos entre esses países pelo controle da área” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 242).

Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) mencionam o cenário de instabilidade

política do Uruguai – bipolarizado entre *blancos* e *colorados* – e os interesses dos governos brasileiro e argentino em apoiar estes últimos. Para os autores, “a intervenção do governo brasileiro na política uruguaia contrariava os interesses do presidente do Paraguai, Solano López” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 243) e, a partir disso, o governante paraguaio teria ordenado a apreensão do navio brasileiro Marquês de Olinda.

Passagem alguma do texto faz menção ao imperialismo inglês como fator determinante em relação às razões para a Guerra do Paraguai. Nesse sentido, Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) afastam-se das explicações empreendidas pelos autores “revisionistas”.<sup>2</sup> A vertente historiográfica revisionista aponta para o imperialismo, sobretudo, para aquele comandado pela Grã-Bretanha, como o principal motor da guerra. As análises dessa historiografia põem em relevo as causas econômicas, vinculadas principalmente ao capitalismo internacional. Contudo, apesar da indicação das causas econômicas, nas quais o imperialismo britânico desempenhava um papel fundante, os autores vinculados a essa vertente não implicam exclusivamente às elites econômicas britânicas nas causas da guerra, pois reconhecem a atuação das elites locais como agentes que favoreceram a penetração e a exploração da potência britânica na região.

Parece não haver também um retorno às explicações da historiografia de caráter “memorialístico-militar-patriótica”, segundo as quais a guerra seria explicada a partir de atitudes isoladas de Francisco Solano López,<sup>3</sup> ou a perspectiva dos “positivistas ortodoxos”, em que o imperialismo brasileiro, de forma isolada, explicaria a Guerra do Paraguai.<sup>4</sup> A perspectiva teórica na qual os autores se baseiam para escrever sobre o conflito em tela é a do “neorevisionismo” que, entre outras questões, destaca os conflitos e imperialismos divergentes na própria região platina.

Em meados da década de 1980, em centros de produção do conhecimento histórico, começou a emergir uma perspectiva historiográfica sobre a Guerra do Paraguai que ficou conhecida, genericamente, como “neorevisionismo”, que aglutinou diversas pesquisas acadêmicas, com variados enfoques sobre o conflito platino, mas que apresentam algumas características em comum, como: (1) são pesquisas acadêmicas baseadas em farta documentação histórica; (2) questionam a participação e responsabilidade inglesa no conflito; (3) questionam o desenvolvimento econômico do Paraguai; e (4) apresentam como razões para a guerra os conflitos e interesses regionais.<sup>5</sup>

Os autores do livro escolar utilizado pelos professores brasileiros procuraram tecer suas narrativas históricas voltando-se a explicações de cunho mais coletivo ou social, fugindo de narrativas fundadas em ações individuais de “grandes homens”. Pellegrini, Dias e Grinberg (2015), em uma perspectiva mais voltada a uma História social, buscaram, em sua narrativa, trazer à tona outros sujeitos que participaram da Guerra do Paraguai, como mulheres e negros. No primeiro parágrafo da seção em que abordam o conteúdo curricular em foco, já deixam bem clara a sua posição: “Considerada o maior conflito externo brasileiro, a Guerra do Paraguai contou com a participação de homens e mulheres” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 242). Em relação a estas últimas, há um tópico específico, na página 244, intitulado “As mulheres na guerra”, em que destacam: “As mulheres participaram ativamente da Guerra do Paraguai. Entre elas havia mães, esposas, comerciantes e escravas, que muitas vezes pegaram em armas para socorrer os feridos durante as batalhas” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 244). Ao tratar da questão dos “voluntários da Pátria”, Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) afirmam:

Pessoas de diferentes setores da sociedade foram convocadas, sendo que a maior parte dos soldados era de origem negra ou mestiça. Muitos escravos foram alforriados para lutar na guerra e, em troca, seus proprietários receberiam uma indenização do governo brasileiro. Além disso, muitos escravos fugidos se alistavam nas tropas, pois havia a promessa de que, se fossem aceitos pelo Exército Brasileiro, se tornariam homens livres. (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 243).

Na narrativa de Pellegrini, Dias e Grinberg (2015), os militares brasileiros aparecem como novo sujeito político no pós-guerra, da qual saíram fortalecidos e “tiveram, nas décadas seguintes, importante papel no processo de transição política do regime monárquico para o regime republicano” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 244). Nesse sentido, por mais que nomes como D. Pedro II ou Solano López sejam mencionados, Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) estruturam sua narrativa em torno de forças e grupos sociais, fugindo, portanto, de uma escrita da História centrada em personagens.

A obra de Pellegrini, Dias e Grinberg (2015), além de não tratar dos eventos relacionados ao conteúdo curricular concernente à Guerra do Paraguai de forma nacionalista, buscou tomar o fenômeno do nacionalismo como problema a ser refletido. Para isso, os autores criaram uma seção específica, chamada



“A identidade nacional”, na qual afirmaram: “A identidade brasileira foi construída aos poucos, ligada ao projeto de Estado e de nação de suas elites. Nesse processo, a nação e a identidade nacional surgiram depois da criação do próprio Estado brasileiro” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 248).

A partir disso, os autores problematizaram os esforços do governo imperial no sentido de forjar uma identidade brasileira, mencionando o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) como um “importante órgão, que incentivou a publicação de obras que ressaltassem os valores ligados à unidade nacional e à centralização política” (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 249). Os autores teceram, ainda, uma reflexão utilizando excertos de um texto do historiador e cientista político José Murilo de Carvalho, em que se problematiza a Guerra do Paraguai como fator de fortalecimento da identidade nacional brasileira, ao se ter criado um inimigo externo, apontando que:

Fatores externos também foram favoráveis à criação de uma identidade nacional. Na época em que o regime imperial atingia o seu apogeu, surgiu um inimigo externo, representado pelo Paraguai. De certa forma, ao dizer que somos brasileiros, automaticamente dizemos que não somos argentinos ou paraguaios. Essa contraposição com o ‘outro’ serve para evidenciar as nossas semelhanças. (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015, p. 249).

Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) tomam a identidade nacional não como fato, mas como problema,<sup>6</sup> possibilitando que jovens que dificilmente refletiriam sobre essa questão em seu cotidiano tenham acesso a ela, configurando o conteúdo curricular referente à Guerra do Paraguai como um “conhecimento de poderosos” convertido em “poderoso” (Young, 2007; 2011). O livro escolar utilizado pelos professores brasileiros buscou trazer diferentes interpretações da Guerra do Paraguai, mobilizando o aluno a refletir sobre o evento histórico a partir de uma perspectiva não monolítica.

Em Moreira et al. (2009), autores que escreveram o livro escolar usado pelos professores paraguaios, a questão que ganha maior relevo em suas explicações das razões para o conflito é justamente aquela relacionada ao equilíbrio das forças na região platina. Para os autores, os países da região estariam se movimentando no sentido de impor uma “nueva doctrina del equilibrio” (Moreira et al., 2009, p. 272). O Paraguai, segundo Moreira et al. (2009), também buscava uma “nueva política de equilibrio”, na qual assumisse “el mismo status

regional que poseían la Argentina y el Imperio del Brasil” (Moreira et al., 2009, p. 273). A invasão de forças brasileiras a Montevideo, apoiada pelo governo argentino, contrariava, segundo esses autores (2009), os interesses paraguaios, tendo em vista que “Montevideo significaba, además, el acceso paraguayo al mar, su inserción en la economía internacional y al mismo tiempo, la liberación de la dependencia comercial con Buenos Aires” (Moreira et al., 2009, p. 273).

Os autores da obra didática paraguaia enfatizaram a falha e/ou imperícia da diplomacia paraguaia na resolução dos conflitos. Destarte, o diplomata Alberto da Costa e Silva (1995), em capítulo da importante coletânea organizada por Maria Eduarda Marques (1995), enfatiza que toda guerra é sinônimo de falha na diplomacia. Moreira et al. (2009) assinalam, tendo em vista o início das hostilidades entre Paraguai e Argentina, que o primeiro país “[...] carecia de un representante oficial ante Buenos Aires y tampoco había un embajador porteño en Asunción que hubieran podido resolver diplomáticamente estas desavencias” (Moreira et al., 2009, p. 275). Se houvesse representantes diplomáticos destacados em ambos os países, segundo argumentação dos autores, o processo de comunicação e negociação teria se realizado e, talvez, o conflito, pelo menos envolvendo a Argentina, poderia ter sido evitado.

O livro escolar usado pelos professores paraguaios não deixa explícita a orientação de uma dada perspectiva historiográfica para abordar a temática em foco. Ao contrário, fornece um texto de caráter descritivo das causas e campanhas da Guerra do Paraguai. As explicações de Moreira et al. (2009) em torno das razões para a mencionada guerra recaem, com ênfase maior, sobre os conflitos regionais e os imperialismos divergentes na região platina, em que as instabilidades políticas em Montevideo e a ameaça – e posterior invasão – brasileira naquele país desestabilizaram o equilíbrio na Região do Prata e frustraram ao presidente paraguaio, Francisco Solano López, no que diz respeito à sua ambição de emergir no contexto regional como uma nova potência. Aqui, percebemos certa aproximação entre as interpretações de Moreira et al. (2009) e o livro escolar utilizado pelos professores brasileiros.

Os autores paraguaios evitaram atribuir virtudes e/ou defeitos aos personagens narrados, bem como ainda realizar juízo de valor sobre a figura de Solano López, deixando, praticamente, de abordar questões que pudessem tratar de maneira mais direta da personalidade e do papel histórico exercido pelo governante paraguaio. Apesar de abordarem questões que poderiam ser

polêmicas quanto à construção da personalidade e do papel histórico exercido por Solano López, como os episódios de San Fernando, em que diversos paraguaios importantes foram acusados de traição, julgados, presos e/ou mortos por ordem do presidente paraguaio, buscaram não fazer afirmações enfáticas em relação à figura de Solano López, tanto no sentido positivo – atribuindo-lhe virtudes – quanto no sentido negativo – imputando-lhe defeitos. Essa visão descolada de um certo “lopismo” que grassa na historiografia paraguaia permitiu que os autores reconhecessem ter havido, no episódio de San Fernando, repressão e torturas.

O livro escolar paraguaio introduziu em sua narrativa, ainda que brevemente, a participação das mulheres na Guerra do Paraguai. Em relação à Batalha de Piribebuy, acontecida em 1869, Moreira et al. (2009) destacam: “Las mujeres también se enfrentaron al enemigo **armadas de sables, fuziles, piedras y vidrios.**” (p. 285, grifo dos autores). Torna-se importante mencionar a participação das mulheres na guerra e no pós-guerra, uma vez que esta se constitui em uma temática abordada e discutida na historiografia paraguaia com a frequência que não se vê na historiografia brasileira. Nesse sentido, não é raro encontrar autores de livros didáticos paraguaios fazendo, ao menos, uma referência à participação feminina na supracitada guerra.

Em Moreira et al. (2009), as descrições sobre as batalhas da Guerra do Paraguai ganharam ares de uma resistência heroica. Os paraguaios são representados como um povo que defendeu heroicamente seu país, demonstrando serem valorosos e exemplos a serem seguidos. Os autores chegaram, inclusive, a denominar a referida guerra como “La epopeya de los Siglos” (Moreira et al., 2009, p. 271).

A obra didática paraguaia é enfática em relação às pretensões brasileiras na região platina e destacaram que o império brasileiro apresentava o interesse em impor sua política de hegemonia na região platina. Sublinharam, ainda, as pretensões e “ambições” territoriais argentinas em relação ao Paraguai: “[...] recordemos que la Argentina reconocía como suyas las regiones comprendidas entre el Río Paraná y el Uruguay y toda la zona occidental del Chaco hasta Bahía Negra” (Moreira et al., 2009, p. 272).

Para Moreira et al. (2009), as cláusulas do Tratado da Trílice Aliança (1865) “decretaban el aniquilamento del Paraguai” (p. 276), sendo que este, firmado entre Argentina, Império do Brasil e Uruguai. Teria servido para ali-

mentar as ambições territoriais brasileiras e argentinas em relação ao país guarani e se constituiu como um impeditivo para as negociações de paz. Os autores ainda mencionam, como consequências do conflito, as perdas territoriais do país guarani. Assinalaram que o Paraguai teve “grandes extensiones de tierras expropiadas por los países vencedores” (Moreira et al., 2009, p. 289). As questões relacionadas às perdas de territórios do Paraguai para o Brasil e para a Argentina são frequentemente destacadas e discutidas na historiografia paraguaia.

O livro escolar paraguaio também não deixou de abordar os excessos dos exércitos aliados na entrada em Assunção. Assinalam que:

[...] Entró el 5 de enero de 1869 a la capital paraguaya, que fue sometida al saqueo por parte de la tropas imperiales. Ni las legaciones extranjeras ni las casas particulares ni las iglesias o sepulcros fueron respetados. La ciudad deshabitada quedó a merced de los invasores. Muebles, artículos de valor, documentos y otros objetos fueron transportados a Buenos Aires y Río de Janeiro. (Moreira et al., 2009, p. 284).

Ao se consultar a historiografia e manuais escolares paraguaios, é possível perceber a importância que o conteúdo curricular relacionado à Guerra do Paraguai teve e tem na construção da identidade do povo paraguaio.<sup>7</sup> Além de uma descrição com características nacionalistas, em Moreira et al. (2009) encontra-se posicionamento que valoriza um entendimento regional no sentido de buscar que conflitos da magnitude da Guerra do Paraguai não tornem a acontecer na região. É nesse sentido que os autores mencionados, ao final do capítulo que trata do conflito, na seção “Talleres”, assinalam:

La muerte de Francisco Solano López en Cerro Corá marcó el final de cinco años de guerra sangrienta, que dejó al Paraguay en ruínas. Esta página terrible de la historia de América nos ayuda a reflexionar acerca del valor de la paz y del entendimiento entre las naciones.

Escribimos mensajes cortos acerca de la paz, el entendimiento y el respeto entre las naciones, los pueblos y las personas. (Moreira et al., 2009, p. 291).

Para finalizarmos a categoria em tela, reiteramos o caráter poderoso (Young, 2007; 2011) que o conhecimento escolar direcionado à Guerra do

Paraguai pode adquirir, sobretudo, se abordado a partir da construção de uma cultura do diálogo, da paz entre as nações e os povos e pautado nos direitos humanos. As reflexões em torno das trágicas consequências geradas pela Guerra do Paraguai podem e devem servir para nunca olvidarmos dos horrores de uma guerra e, nesse sentido, fortalecer uma cultura em que conflitos possam ser equacionados em fóruns internacionais construídos especificamente para esse fim e, desse modo, forjar nas novas gerações, por meio do estudo da História, conceitos afinados com o contexto das sociedades contemporâneas, como o direito à diferença, isto é, o respeito ao diferente e à diversidade.

### CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS E IDENTIDADES A PARTIR DO CONTEÚDO CURRICULAR REFERENTE À GUERRA DO PARAGUAI

Os professores brasileiros sujeitos da pesquisa, ao serem questionados se percebem ou acreditam que o conhecimento escolar concernente à Guerra do Paraguai, de alguma maneira, contribui para a construção de significados em torno das identidades do “ser brasileiro” ou do “ser paraguaio”, apontaram para a importância dos discursos produzidos em livros didáticos. O Professor 1 afirma:

Eu acho que a historiografia ou pelo menos o discurso historiográfico do livro didático (sic), do que eu lembro, produz um pouco isso, ou seja, essa identidade, essa ideia de nação, a partir do conflito, do resultado desse conflito, dos marcos, dos heróis etc.

O Professor 2, ao assinalar que a Guerra do Paraguai teria sido usada por nós, brasileiros, como elemento de formação de uma consciência nacional, também aponta a centralidade do livro didático.

[...] se eu perguntar a minha mãe, se perguntar ao meu pai sobre a Guerra do Paraguai, ele vai ter uma visão extremamente heroína (sic), uma visão totalmente diferente do que realmente foi a Guerra do Paraguai. Por quê? Porque foi usado nos livros didáticos, foi usado nas obras para, de certa maneira, ajudar na construção do nosso país, enquanto identidade. (Professor 2).

Para o Professor 2, a Guerra do Paraguai, no plano político, foi “usada para construção de uma identidade nacional”, em que se estabelecia “um ini-

migo externo” no sentido de criar “uma espécie de consenso nacional”, ou seja, “nós tínhamos agora um inimigo, esse inimigo deveria agora ser combatido. Isso aproximava os diferentes”. O Professor 2 assinala que a criação do inimigo externo foi estratégia muito usada no Segundo Reinado, período durante o qual o IHGB desempenhou um papel relevante:

Isso foi usado muito no Segundo Reinado, no período da... para consolidar a nossa ideia de identidade nacional, como nação, ou seja, diminuir as diferenças [...]. O Pedro II usa, o IHGB vai usar a questão da Guerra do Paraguai. Você tem as imagens que favorecem muito isso, então isso foi utilizado de uma forma muito significativa, por nós brasileiros, pelo estado, para fortalecer essa dimensão do que é ser brasileiro, que é lógico você tinha um inimigo que deveria ser combatido e isso unia as várias camadas, os diferentes, em prol de algo maior, de um inimigo em comum. (Professor 2).

Apesar de o Professor 2 reconhecer que a Guerra do Paraguai, em certo momento, teria servido à construção da identidade e consciência nacionais, busca ponderar e contextualizar tal questão, apontando que, nos mais diversos momentos da História do Brasil, tem-se procurado construir um certo tipo de unidade que aponte e crie um sentimento de pertença. Assim, evitando cometer análises anacrônicas, o Professor 2 assinala que:

[...] é fácil também hoje falarmos o seguinte: a Guerra do Paraguai foi usada para a construção... nós estamos o tempo todo, de alguma maneira, todos os governantes, todas as épocas, construindo identidades, tentando construir identidades, esteios que digam o seguinte: nós somos brasileiros, nós somos essa nação, nós somos uma nação. O conceito de nação é isso. [...]. O conceito de nação é isso, é você construir significados, essa homogeneidade, digamos assim, de experiências, enfim, de acontecimentos [...]. (Professor 2).

O Professor 2, a partir de suas perspectivas teóricas – históricas e educacionais –, esclarece sua abordagem do conteúdo curricular sobre a Guerra do Paraguai em sala de aula, conforme segue:

[...] eu costumo fechar muito [n]essa discussão, pegando a Guerra do Paraguai e **fazendo uma discussão sobre como a Guerra do Paraguai foi usada por nós brasileiros para essa formação de uma consciência nacional.** [...]. Nós não

podemos passar para o nosso aluno uma visão de que a Guerra do Paraguai e aí eu falo Guerra do Paraguai, mas pensando já no próprio termo, fazendo um questionamento do próprio termo, ele foi utilizado em um determinado momento para isso, mas a que custo? Então fazer uma crítica a esse acontecimento, eu acho que é importante, e **fazer o aluno conhecer as outras nações de uma forma melhor, os nossos vizinhos**. O que é que tinha o Paraguai? Quais eram as pretensões do Paraguai? Qual era o jogo político da época? Como o Paraguai avançava em termos de projetos, desenvolvimento? O que era aquela nação? (Professor 2, grifos nossos).

Ao considerar a fala do Professor 2, percebemos um apontamento em que o conteúdo curricular direcionado à Guerra do Paraguai não deve se restringir ao estudo das batalhas e personagens que participaram do conflito, mas, em verdade, deve problematizar como a referida guerra foi utilizada, discursivamente, como forma de gerar uma consciência nacional. Como observado na seção anterior, o livro escolar utilizado pelo Professor 2 em sala de aula (Pellegrini; Dias; Grinberg, 2015), abordou a questão da identidade nacional e problematizou a Guerra do Paraguai como fator de fortalecimento de uma dada identidade para o Brasil, ao se ter criado um inimigo externo. Nesse sentido, podemos supor que, talvez, o livro didático em foco possa ter influenciado o professor e/ou reforçado uma concepção já existente, cumprindo, assim, uma função de “currículo escrito direcionador de práticas curriculares”, como assinala Lopes:

Um dos discursos predominantes é o do livro didático como um currículo escrito direcionador das práticas curriculares, em virtude de sua capacidade de orientar as possíveis leituras a serem realizadas pelo professor no contexto da prática. (Lopes, 2005, p. 73).

O Professor 2 destaca, ainda, como o conhecimento escolar sobre a Guerra poderia possibilitar um maior conhecimento da História dos países vizinhos. Assim, o estudo desse componente curricular na escola básica vai ganhando, na fala do Professor 2, ares de um conhecimento poderoso, a partir da aceção dada pelo sociólogo da educação Michael Young (2007; 2011). Nesse sentido, continua:

[...] **a Guerra do Paraguai, do meu ponto de vista, e essa é minha perspectiva, deve ser usada para se repensar, exatamente, essas identidades que nós construímos**, por exemplo, em relação ao Brasil. Então eu acho que ela é fundamental para nós entendermos um período da nossa história, de formação de um país [...]. Nós falamos do Paraguai hoje. O nosso aluno tem uma grande dificuldade em falar do Paraguai, nós não temos muito... nós sabemos pouco do Paraguai. Eu acho que é uma oportunidade de conhecer mais o Paraguai [...]. (Professor 2, grifo nosso).

O Professor 1, em contrapartida, apesar de concordar com o Professor 2 acerca do potencial dos elementos discursivos que compõem os livros didáticos na construção de identidades, inclusive àqueles relacionados à Guerra do Paraguai, afirma ter dúvidas em relação a se e como esse conhecimento escolar estaria contribuindo para a construção de uma dada identidade nacional em alunos, hoje, por meio do trabalho docente em sala de aula. A esse respeito afirma:

Eu tenho minhas dúvidas ou não estou convencido. Eu ainda não percebo como é que esse debate ou essa leitura historiográfica ou essa narrativa historiográfica funciona nos alunos. Eu não sei se eles criam uma identidade ou se eles criam uma noção de identidade brasileira ou paraguaia, veja o outro, construa o outro, no caso do Paraguai, a partir dessa leitura, desse estudo. (Professor 1).

E continua:

Quando eu trabalhei esta temática no ensino básico eu nem estava preocupado com isto, e não me lembro de que os alunos tenham construído qualquer, não sei, qualquer comportamento, qualquer debate onde eu percebesse uma ligação da identidade dele ou da identidade de brasileiro ou da identidade de paraguaio se formando a partir daquela discussão. Esse ano eu acho que isso fica, inclusive, como um desafio para que eu possa fazê-lo, ou seja, para que eu possa observar isso, mas hoje eu não posso te dizer que eu observo que a Guerra do Paraguai é operacionalizada em função de uma identidade por parte dos alunos. (Professor 1).

Como dito anteriormente, para o Professor 1, a perspectiva que aponta para a relação entre o conhecimento escolar relacionado à Guerra do Paraguai



e a construção de significados identitários estaria mais evidenciada no livro escolar do que na percepção do docente no trabalho com os alunos no cotidiano da sala de aula. Nesse sentido, assinala:

[...] mas eu acho que essa relação, na minha leitura atual, com a experiência antiga que eu tive, com as leituras sobre a Guerra do Paraguai, sobretudo esse discurso mais básico da Guerra do Paraguai, **eu acho que essa identidade ela está mais posta no livro do que operacionalizada pelos alunos e eu não sei até que ponto, como eu falei para você, a leitura que os alunos fazem dessa leitura historiográfica, eles incorporam pra produção da sua identidade ou para produção da identidade do Brasil, não sei!** Eu acho que essa é uma grande questão de a gente pensar: **quais são os eventos hoje que marcam, né, os eventos históricos que marcam a produção de uma identidade para os alunos? Eu não sei, realmente, eu não sei te dizer, eu acho que essa é uma nossa problemática.** (Professor 1, grifos nossos).

O Professor 1 sugere que os *games* seriam, para a faixa etária dos alunos da educação básica, um elemento que poderia facilitar a mediação entre o conhecimento histórico e a construção de identidades. Assim, explicita:

Eu sei dizer, por exemplo, no 9º ano, que eles por estar muito envolvidos com essa questão dos *games* e tal, desses jogos, esses jogos eles absorvem muito da narrativa histórica, eles utilizam dessa narrativa histórica. Então assim, eu sei que quando tem uma temática que a gente vai trabalhar, que ela já foi utilizada pelos *games*, então há uma identificação imediata, porque eles se apropriaram dessa narrativa a partir dessa atividade. Mas quando não, a identificação é muito mais difícil. **Não tem uma mediação facilitadora como é a questão dos *games*.** Um outro ponto que eu observo também utilizando essa questão dos *games* é que esses *games* utilizam geralmente eventos que tem muita violência, porque faz parte também daquela linguagem, da ação, da violência, então a Revolução Francesa, a 2ª Guerra Mundial. Não sei se há um *game* sobre Guerra do Paraguai [risos]. **Nessa linguagem, talvez isso criaria uma empatia maior dos alunos ou um envolvimento dos alunos em relação a esse debate da Guerra do Paraguai.** Bom, assim, eu não vejo uma ligação direta, eu não identifico ainda uma ligação dessa formação de uma identidade por parte dos alunos a partir dessa discussão. (Professor 1, grifo nosso).

O Professor 1 suscita possibilidades quanto ao potencial que os *games* teriam junto aos jovens para possibilitar uma maior aproximação com a temática em foco e, conseqüentemente, gerar um processo de interesse, identificação e apropriação de símbolos relacionados ao evento. Contudo, afirma não perceber qualquer relação direta entre o conhecimento escolar correspondente à Guerra do Paraguai e a construção de identidades por parte dos alunos. Não obstante, reconhece que, em sua experiência docente, nunca havia antes parado para refletir sobre a questão posta. Nesse sentido, assinala que, a partir do momento em que foi questionado, passará a observar tais elementos.

Tendo em vista o contexto paraguaio, os Professores 3 e 4, foram questionados se percebem ou acreditam, a partir de sua experiência em sala de aula, que o conhecimento escolar residido na Guerra do Paraguai, de alguma maneira, contribui para a construção de significados em torno das identidades do “ser paraguaio” ou do “ser brasileiro” e, eventualmente, apontam para o risco da construção de identidades nacionalistas. Nesse sentido, para o Professor 3:

Mira, **para mi es una cuestión, puedo hablar, de significación nacional.** Es siempre verdad parece que es una reafirmación del nacionalismo paraguayo por lo menos, **la resistencia a doblarse ante los enemigos, es como que una reafirmación importante de la nacionalidad.** (Professor 3, grifo nosso).

E continua:

[...] los debates internos que se generaron en torno a eso, incluso llegaron a tener el retiro político, especialmente durante la dictadura militar de Stroessner, **donde se instrumentó, políticamente, a el discurso histórico de la guerra, como un símbolo nacional, justamente destacando las figuras de referentes, de héroes, hablar de héroes, categorizar como héroes,** López, todo eso ya viene desde [19]36, cuando asume un gobierno nacionalista, con el coronel Rafael Franco y justamente ahí empieza el proceso de reivindicación de las principales figuras de la Guerra contra la Triple Alianza. (Professor 3, grifo nosso).

Para o Professor 3, o conhecimento sobre a Guerra do Paraguai, sobretudo baseado na ideia de resistência, tem sido estudado fortemente em uma perspectiva de reafirmação do nacionalismo paraguaio. O Professor 4, por sua

parte, além de apontar essa reafirmação nacionalista, traz outros elementos para reflexão:

Bueno, yo te digo lo que yo creo, mi hipótesis, **yo creo que la mayoría, la mayoría de los que enseñan Historia y toman la Guerra de la Triple Alianza, probablemente, buscan a crear como una especie de rencor, hacia Brasil, Argentina y Uruguay.** Creo yo, puede ser que me equivoque, creo yo que es así, **porque en los libros te lleva a eso, no hablan de la construcción de algo nuevo así.** (Professor 4, grifos nossos).

Para o Professor 4, os livros escolares e a maioria dos professores da disciplina História no Paraguai adotam uma perspectiva que reforça um nacionalismo paraguaio baseado no “rancor” para com os países vencedores. Sua análise sugere um sentimento de frustração por não enxergar que os livros didáticos tenham avançado em direção a uma abordagem que busque a “construção de algo novo”, quer dizer, que não baseie a afirmação do nacionalismo paraguaio no “rancor” em relação aos países aliados. Nesse sentido, esclarece:

De mi punto de vista, por ejemplo, yo cuando doy esa lección con ellos, **yo no busco criar en ellos que guarden ese rencor**, algo que ya pasó a 150 años. **Tampoco voy a olvidar, voy a recordar, pero lo ideal de hablar sería construir algo nuevo, en el sentido de que busquemos esa unidad regional que le quedó**, yo siempre hago ese cálculo, que nosotros ya no vamos a hacer una nueva guerra, no tiene sentido a ir pelear otra vez con Brasil, Argentina, no vamos a solucionar así nuestras diferencias, lo que tiene que ser a través de otro mecanismo, eso es algo que falta, todavía, no sé del lado brasileño como es a cabo en el Brasil, lo que se pasa es que nosotros **en Paraguay seguimos esperando algún pedido de disculpas o algo así del gobierno brasileño por lo que pasó, porque quieras sí o no lo que pasó en esta guerra puede entrar fácilmente como genocidio**, entonces es como que se espera eso [...]. (Professor 4, grifos nossos).

O Professor 4, apesar de apontar que a Guerra do Paraguai é, no contexto daquele país, abordada pela maioria dos professores de História de forma a gerar um sentimento de “rancor” contra os países vencedores, afirma que busca abordar esse conteúdo curricular de forma a fugir desse sentimento negativo. Entretanto, deixa claro que realizar uma abordagem da mencionada guer-

ra de forma a fugir do sentimento de “rancor” aos países aliados não significa esquecer os acontecimentos e horrores praticados durante a guerra. Isto é, buscar novos fóruns e perspectivas de discussões e análises que fujam do sentimento de “rancor” aos países aliados ao abordar a Guerra do Paraguai não significa esquecer os atos por eles praticados. Assim, nesse contexto, poderíamos falar do potencial do conteúdo direcionado à Guerra do Paraguai para se tornar um “conhecimento poderoso” (Young, 2007; 2011).

Outra questão que merece menção é que o livro didático oficial adotado pelas escolas públicas paraguaias e utilizado pelo professor em questão suscita, ao menos em uma de suas atividades, como visto anteriormente, uma perspectiva de valorização de um entendimento regional, pela qual, por meio do diálogo, se buscaria que conflitos da magnitude da Guerra do Paraguai não tornem a acontecer na região. Nesse sentido, podemos supor que o livro didático em foco possa ter influenciado o professor e/ou reforçado uma concepção já existente, cumprindo, assim, uma função de “currículo escrito direcionador de práticas curriculares” de que fala Lopes (2005). Apesar de esse professor ter afirmado que “los libros te lleva a eso [una especie de rencor, hacia Brasil, Argentina y Uruguay], no hablan de la construcción de algo nuevo así” (Professor 4).

Podemos inferir, a partir da fala do Professor 4, que, além de um sentimento de “rancor”, apontado pelo próprio entrevistado, exista, talvez, no Paraguai atual, um certo sentimento de mágoa e/ou ressentimento, tendo em vista que, como sustenta o Professor 4, boa parte dos paraguaios segue esperando um pedido de desculpas do governo brasileiro pelos atos praticados na guerra. Tais atos, para o entrevistado em questão, poderiam ser facilmente entendidos como um genocídio praticado contra a população paraguaia. Tendo isso em vista afirma:

[...] hay una corriente, por ejemplo, en Paraguay, muy fuerte que le mira de otra forma a brasileños y argentinos, como culpables por todos nuestros problemas que tenemos ahora y también hay otra corriente que no mira de esa forma, sino que ve que es hora ya de construir algo nuevo y salir adelante. El problema es que no funcionó, no funciona, para nosotros no funciona, **pero lo que yo creo es que la guerra creó dentro de la unidad paraguaya dos visiones distintas, un que ve la culpa de todos los atrasos como culpa de los Aliados y el otro que busca, que encontra el culpable en gobernante de esta época, nosotros nos dividimos**

**entre lopismo y antilopismo.** Entonces, va a costar a nosotros ir a sentar con los brasileños, con los argentinos, con los uruguayos y crear algo nuevo, para nosotros acá mismo tenemos ese problema, **porque la guerra, como te dije, nos marcó, nos marcó totalmente** [...]. (Professor 4, grifo nosso).

Segundo o Professor 4, no interior da nação paraguaia teriam sido criadas duas vertentes distintas, uma apontando para os aliados como não só culpados pela guerra mas também por todas as mazelas enfrentadas pelo país no pós-guerra e a outra que busca culpar o governo paraguaio anterior à guerra, portanto, responsabilizar Solano López. Quando estudamos a historiografia paraguaia, percebemos claramente essa cisão entre “lopistas” e “antilopistas” que, talvez, tenha sido inaugurada com a discussão, na imprensa nacional daquele país, em 1902, entre Cecilio Báez e Juan O’Leary (Brezzo, 2009; 2011).

De todo modo, a Guerra do Paraguai, para os sujeitos paraguaios entrevistados – e essa foi a impressão que colhemos ao conhecer o país e a sua historiografia –, teve e tem um importante papel na construção de discursos pautados nos símbolos nacionais. Inclusive – e na historiografia isso é bastante claro –, as disputas em torno dos símbolos pátrios no país em tela, erigida basicamente a partir da oposição entre “lopistas” e “antilopistas”, tem como cerne a própria Guerra do Paraguai e os sujeitos que dela participaram. Nesse sentido, o Professor 4 afirma:

[...] entonces pasamos a dedicar a nombres de calles, edificios, plazas, todo hace el recuerdo a la Guerra Grande, o al gobierno anterior a la Guerra Grande, todo eso como una construcción de una Historia política, militar y heroica, por eso nosotros invocamos más a mitificar a un López, a un Bernardino Caballero, a un Díaz, a um Rivarola, todos, los nombres de las divisiones de infantería, todos los nombres de guerra. La Guerra Grande, no tanto el Chaco, la visión así, en la mentalidad paraguaya, **en su memoria colectiva, la Guerra del Chaco casi no conoce mucho, la Guerra de la Triple Alianza sí, conoce, ¿por qué? Porque nos marcó y básicamente en líneas generales nosotros adoptamos más acá,** no estamos integrados en el tema de construir una nueva sociedad con los brasileños y argentinos y cuesta y va a costar, todavía. (Professor 4, grifo nosso).

A percepção que o Professor 4 expressa aponta para que a Guerra do Paraguai, por ser um evento que marcou aos paraguaios, estaria presente na

memória coletiva do país, muito mais, inclusive, do que a Guerra do Chaco, que aconteceu em um momento posterior ao conflito da Tríplice Aliança, já na década de 1930. Para esse professor, passados cento e cinquenta anos do conflito, torna-se necessário repensá-lo sob padrões que permitam fugir daquele baseado no rancor:

150 años es el momento ideal para sentarse, **pero tiene que venir también del estamento del gobierno, alguna cosa, para que después tratarlo en la esfera inferior, esfera de los profesores, por ejemplo.** Pero en líneas generales nosotros estamos ahí, reivindicando a nuestros héroes, como una especie de paladín de lucha contra el imperialismo. Es complicado, hablar de la Guerra es complicado. En el año pasado surgió una vertiente así, en las redes sociales, donde se habla que ese momento el Paraguay mande Brasil, Argentina y Uruguay [a la Corte Internacional] por genocidio, porque recuperarse territorios ya es imposible, nosotros perdimos muchos territorios, mas ya es imposible, Paraná o Mato Grosso no pasará a ser paraguayo, si le pregunta si quiere ser paraguayo o brasileño evidente que es brasileño, la misma cosa Formosa y Misiones, si quiere ser argentino o paraguayo. Pero **surgió una fuerte corriente en las redes sociales de mandar los gobiernos de la Triple Alianza a la Corte Internacional por genocidio.** (Professor 4, grifo nosso).

Na fala do Professor 4, chama-nos atenção duas questões: a primeira, já constatada em falas anteriores do mesmo sujeito, é a permanência de um sentimento de mal-estar, um certo ressentimento, que ainda persiste em setores da sociedade paraguaia em relação aos países que compuseram a Tríplice Aliança; e a segunda questão diz respeito à lógica apresentada pelo entrevistado em questão, isto é, primeiro, os governos se mobilizam para a superação daquele evento traumático para só depois setores sociais, como a dos professores, se mobilizarem para essa superação.

Não obstante, entendemos que não poucas vezes a lógica se dê de maneira inversa, quer dizer, aconteça antes entre os setores sociais para, só depois, se alastrar e alcançar dimensões mais amplas. O próprio professor sujeito da pesquisa é um exemplo disso, haja vista que, segundo informou, busca fugir de uma perspectiva de “rancor”, de ressentimento, antes mesmo de que atitudes governamentais – ou coletivas – busquem de uma maneira mais efetiva a superação desse evento traumático a partir de fóruns de discussões e parcerias

que não se restrinjam ao âmbito econômico, mas reforcem, sobretudo, os vínculos culturais entre ambos os países, pautados numa “cultura de paz” e vinculados aos direitos humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Pellegrini, Dias e Grinberg (2015) – autores do livro didático brasileiro utilizado pelos professores 1 e 2 em sala de aula – a abordagem do conteúdo curricular concernente à Guerra do Paraguai busca problematizar uma certa identidade nacional, identificando e denunciando a estratégia de criação de um inimigo externo, o Paraguai, como forma de construção da unidade interna. Nesse sentido, tomam a formação da identidade nacional não como fato, mas como problema, tendo em vista que uma das principais discussões atuais no campo do ensino de História, levando-se em consideração suas funções sociais para a educação básica, seria refletir sobre questões relativas às identidades, entre elas a identidade nacional. Tal perspectiva pode possibilitar que jovens, que dificilmente refletiriam sobre essa questão em seu cotidiano, tenham acesso a ela.

As análises do livro escolar e da fala de professores sujeitos da pesquisa paraguaios, por sua vez, revelaram a importância que o conteúdo curricular referente à Guerra do Paraguai teve e tem para construções identitárias do povo paraguaio, inclusive, por meio de uma perspectiva marcadamente nacionalista. Percebemos, também, em autores como Moreira et al. (2009), perspectivas que valorizam um entendimento regional no sentido de se refletir sobre fóruns para resolução de conflitos de modo a evitar eventos belicosos.

Outra questão relevante, que pode explicar a permanência do evento histórico que é a Guerra do Paraguai nos currículos e livros escolares em ambos os países estudados – e que pôde ser percebida nos livros didáticos e na fala de alguns dos professores sujeitos da pesquisa – é o seu caráter de um “conhecimento poderoso” (Young, 2007; 2011), tanto no sentido de se tomar como problema a questão da identidade nacional, problematizando a Guerra do Paraguai como fator de fortalecimento dessa identidade, como por possibilitar uma reflexão em torno da valorização de um entendimento regional no sentido de buscar que conflitos da magnitude da Guerra do Paraguai não tornem a acontecer na região.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O papel do Brasil na Bacia do Prata* (da colonização ao império). 1982. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BREZZO, Liliana. El Paraguay en cinco momentos historiográficos: retos y perspectivas. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas. *Paraguay: el nacionalismo y la guerra - Actas de las primeras jornadas internacionales de historial del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Servilibro, 2009. p. 61-78.
- BREZZO, Liliana. *El Paraguay a comienzos del siglo XX (1900-1930)*. Asunción: El Lector, 2011.
- CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, p. 153-170, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3kAaHaR>. Acesso em: 08 set. 2020.
- CARRETERO, Mario. *Construir e ensinar: as Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CHEVALLARD, Yves. *La Transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. Argentina: Aique, 1991.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DORATIOTO, Francisco. El nacionalismo lopizta paraguay. *América Sin Nombre*, Alicante, n. 4, p. 18-22, 2002a. Disponível em: <https://bit.ly/3juJFQR>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.
- DORATIOTO, Francisco. *A Guerra do Paraguai: 2ª Visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GABRIEL, Teresa; MONTEIRO, Ana Maria. Currículo de História e narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas. In: MONTEIRO, Ana Maria; GABRIEL, Carmen Teresa; COSTA, Warley da; ARAUJO, Cinthia Monteiro de (orgs.). *Pesquisa em Ensino de História*. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014. p. 23-40.
- LOPES, Alice Casimiro. O livro didático nas políticas de currículo. In: PEREIRA, Ma-



- ria Zuleide; MOURA, Arlete Pereira (orgs.). *Políticas e práticas curriculares - impasses, tendências e perspectivas*. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 69-96.
- MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel: história e historiografia da guerra do Paraguai*. Passo Fundo: UPF, 2013.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai*. Como construímos o conflito. São Paulo: Contexto, 1998.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel. La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XIX: un debate identitario. *Estudios Paraguayos*, Assunção, v. 28, p. 349-375, 2010.
- MOREIRA, Mary Monte de López *et al.* *Historia y Geografía*. 8º grado. Assunção: Don Bosco, 2009.
- MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- NADAI, Elza. O ensino da História no Brasil: trajetória e perspectivas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1992/1993. Disponível em: <https://bit.ly/2Tj6uvW>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber História*, 8º ano. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos Temas nas Aulas de História*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SALLES, André Mendes. A Guerra da Tríplice Aliança como conhecimento escolar no Paraguai: narrativas históricas centradas em personagens (1897-2009). *História Unisinos*, v. 23, n. 3, p. 332-344. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3jmtjJR>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SILVA, Alberto da Costa. Da Guerra ao Mercosul: evolução das relações diplomáticas Brasil-Paraguai. In: MARQUES, Maria Eduarda de Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p.165-174.
- SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: UCDB, 2002.

TORAL, André. *Imagens em desordem: a iconografia da guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: Humanitas, 2001.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3mq6jf5>. Acesso em: 01 jul. 2020.

YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 48, p. 609-623, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/34iLITv>. Acesso em: 01 jul. 2020.

## NOTAS

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

<sup>2</sup> Em Pellegrini, Dias e Grinberg (2015), a perspectiva do “revisionismo histórico” aparece apenas como uma das possibilidades interpretativas para se explicar as origens da Guerra do Paraguai e, mesmo assim, apenas na parte das atividades do livro didático, quer dizer, fora do corpo explicativo do texto. Os referidos autores utilizam-se de um excerto escrito pelo historiador Boris Fausto para expor as diferentes vertentes explicativas sobre o conflito.

<sup>3</sup> A historiografia tradicional sobre a Guerra do Paraguai privilegiava, em seus enfoques, estratégias de guerra e enaltecimento de comandantes militares. Esse primeiro momento historiográfico se configurou mais como uma narrativa de cunho memorialístico-patriótica do que por uma análise histórica propriamente dita. Nessas narrativas prevaleceu, geralmente, uma interpretação que apontava para o governo paraguaio – personificada na figura de Francisco Solano López – como o causador do conflito. Essa historiografia tornou-se hegemônica no Brasil do final do século XIX até, pelo menos, a década de 1960.

<sup>4</sup> Os positivistas ortodoxos, enquanto republicanos convictos, buscaram questionar os feitos do Império, pondo em xeque toda a política imperial. Nesse sentido, teceram profundas críticas em relação à atuação do Brasil na Guerra do Paraguai. Ver Maestri (2013).

<sup>5</sup> Destacamos aqui as obras dos professores Luiz Alberto Moniz Bandeira (1982), Alfredo da Mota Menezes (1998; 2012), Ricardo Salles (1990), Francisco Doratioto (1991, 2002b), André Toral (2001) e Ana Paula Squinelo (2002), apenas para registrar alguns exemplos.

<sup>6</sup> Uma das principais discussões atuais no campo do ensino de História é a de que uma de suas principais funções na educação básica seria refletir sobre as questões relativas a identidades, entre elas a nacional.

<sup>7</sup> No Paraguai, ao longo de todo o século XX, as discussões políticas e historiográficas tiveram como centro a dicotomização entre “lopidistas” e “antilopistas” e a Guerra da Tríplice

Aliança e seus principais atores, tiveram espaço de destaque na memória coletiva da nação. Os “lopistas” são assim designados porque visavam recuperar a imagem de Francisco Solano López como grande herói nacional, enquanto os “antilopistas” seguiam, a contracorrente, uma perspectiva, via de regra, liberal, em que associavam a figura de López ao autoritarismo e como responsável pela Guerra do Paraguai. Ver Doratioto (2002a), Salles (2019) e Moreira (2010).

---

Artigo recebido em 30 de julho de 2020. Aprovado em 16 de setembro de 2020.